



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

DELIAN DE SOUSA FERREIRA

LEITURA NA ESCOLA – DESAFIOS E HORIZONTES

CAJAZEIRAS - PB

2007

DELIAN DE SOUSA FERREIRA

LEITURA NA ESCOLA – DESAFIOS E HORIZONTES

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria de Lourdes Campos.

CAJAZEIRAS - PB

2007



F3831 Ferreira, Delian de Sousa.
Leitura na escola - desafios e horizontes / Delian de
Sousa Ferreira. - Cajazeiras, 2007.
50f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, 2007.

Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Leitura. 2. Escola profissional monte carmel. 3.
Formação do leitor. 4. Leitura - tipos. 5. Leitura -
finalidades e importância. 6. Educação infantil. I. Campos,
Maria de Lourdes. II. Universidade Federal de Campina
Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

DELIAN DE SOUSA FERREIRA

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande UFCG, como requisito para obtenção do título de graduação em pedagogia com habilitação em supervisão escolar sob a orientação da professora Ms. Maria de Lourdes Campos.

Cajazeiras, 2007.

Dedicatória

Dedico o presente trabalho às minhas irmãs de comunidade que muito contribuíram para que o produzisse, aos professores Ms. Maria Gerlaine Belchior do Amaral, Dr. Dorgival Gonsalves Fernandes que me ensinaram o "jeito de ser docente" e a minha orientadora Ms. Maria de Lourdes Campos, que com seu incentivo sempre demonstrou confiança e credibilidade no meu potencial acadêmico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, o dom da sabedoria e da inteligência que me concedeu a força necessária para atingir com êxito a minha meta: a conclusão vitoriosa deste curso.

Aos meus pais, que desde a infância investiram e incentivaram para que eu chegasse aqui. Mesmo tendo pouca formação, vocês souberam me fazer entender o valor do conhecimento, do saber.

A professora e orientadora, Ms. Maria de Lourdes Campos que paciente e competentemente acompanhou a subida de cada degrau na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, valorizando meu esforço, compreendendo e acolhendo carinhosamente os obstáculos enfrentados e me ajudando sempre a levantar e subir, subir, subir..., estou feliz hoje. Chegamos ao limiar desse nosso primeiro degrau – por que a escada do conhecimento é infinita... Deus a recompense.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 – LEITURA NA ESCOLA – SUPERANDO OS DESAFIOS.....	09
1.1 Conceituando leitura.....	10
1.2 Finalidades e importância da leitura	13
1.3 Níveis de Leitura	16
1.4 Tipos de Leitura.....	18
1.5 A leitura na escola.....	20
1.6 Ler ou aprender a ler?	21
1.7 Aprender a gostar de ler – uma aprendizagem cultural.....	22
2 – METODOLOGIA.....	23
2.1 Um panorama escolar.....	26
2.2 Dados de Identificação.....	26
2.3 Histórico.....	27
2.4 Estrutura Administrativa e Organizacional.....	28
2.5 Proposta Pedagógica.....	29
2.6 Planejamento e sala de aula.....	30
3. ANÁLISE DO ESTÁGIO.....	31
4. CONCLUSÃO.....	46
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	48

RESUMO

O presente trabalho tem por tema: *Leitura na Escola – desafios e horizontes* e como objetivo analisar as dificuldades de leitura enfrentada no cotidiano de sala de aula, pelos professores e alunos da Escola Profissional Monte Carmelo. Optamos pelos métodos de análise qualitativo e quantitativo, a partir dos critérios sugeridos por Jarry Richardson, evitando assim a separação entre eles, já que se complementam. Para a obtenção dos dados usamos um questionário elaborado com doze perguntas e que foi tabulado percentualmente, nos dando uma clara noção da situação real da escola, dos discentes e docentes sobre o hábito da leitura. Entre os elementos estudados enfatizamos: os diversos conceitos, a importância, os tipos e níveis de leitura, etc, tentando perceber qual o valor e o espaço dado à leitura pela escola e professores e o que aprendizagem desta pode determinar/definir na vida das crianças. Acreditamos que ao ser alfabetizada, ao aprender a domar as palavras, ao iniciar um relacionamento com os livros, a criança começa a ser gradativamente introduzida num mundo de oportunidades mil. Sabemos também da forte influência dos professores na formação de seus alunos e, esta influência, no que diz respeito ao gosto pela leitura, vai depender do grau de afetividade do professor com o hábito de ler.

Palavras-chave – Leitura, Formação, Estágio.

O desafio da leitura

Considerando a evolução dos tempos e avanço da globalização no paradigma da pós-modernidade urge a necessidade de os indivíduos se prepararem sempre mais para acompanharem um ritmo frenético de mudanças na sociedade atual. Isso inclui habilidade, qualificação, domínio de algumas técnicas e novas aprendizagens, entre as quais, a leitura.

Nesse contexto, a leitura aparece como uma porta de entrada, proporcionando ao indivíduo instrumentalizar os novos meios, aperfeiçoar sua comunicação na relação com as demais pessoas, interagindo mundialmente com a comunidade global.

A partir dessa premissa, percebemos a urgência, de se desenvolver contínua e atrativamente as atividades de leitura na escola criando alternativas satisfatórias na superação dos desafios impostos pelo contexto familiar, social, escolar e até as próprias deficiências de aprendizagem da criança.

A sugestão e escolha do tema se deram numa consulta e conversa informal com as professoras, a coordenadora pedagógica e a diretora da Escola. Ao perguntarmos quais as dificuldades mais urgentes a serem superadas no universo da sala de aula em relação à aprendizagem dos alunos, a leitura foi sugerida pela grande maioria. Percebemos nelas uma expectativa, anseio e grande esperança depositada no nosso estágio, o que nos levou ao compromisso desmedido com a causa assumida.

Lembramos, a priori, que a maioria das escolas enfrenta hoje o desafio didático-metodológico para se trabalhar a leitura. Outros fatores externos assumem também um papel preponderante no ensino aprendizagem das crianças, estes, somados aos primeiros reforçam consideravelmente a intensidade desse desafio.

Por isso, as professoras reconhecem a necessidade de formar parceria com outras instituições de ensino na promoção de atividades de pesquisa, monitoria e

estágio supervisionado que venha dar suporte à escola atendendo as necessidades discentes e docentes. Isso nos fez perceber, e constatar ao longo da realização desse estágio, o quanto as professoras valorizaram nosso trabalho, o que para nós foi muito estimulante e gratificante.

Estruturalmente, ele está dividido em quatro capítulos, sendo o primeiro deles o referencial teórico onde apresentamos as contribuições teóricas dos vários autores sobre a leitura, partindo também da nossa experiência enquanto educadora.

O segundo capítulo apresenta os procedimentos metodológicos utilizados no desenvolvimento do trabalho, incluindo os tipos de pesquisa e a caracterização da Escola nos levando assim ao conhecimento de sua organização e funcionamento, desde a estrutura física e seus componentes à prática pedagógica da mesma.

No terceiro capítulo, faremos a análise dos dados coletados através do questionário aplicado junto às professoras. Ele foi o nosso primeiro contato direto com as opiniões delas e nos leva ao amplo entendimento de seus desafios e anseios para com a leitura em sala de aula.

O quarto e último capítulo referem-se às atividades desenvolvidas no estágio que vão desde os textos utilizados para reflexão e discussão com as professoras à análise dos comentários e exemplos citados por elas a partir das experiências do cotidiano da sala de aula na realização do trabalho docente.

1. LEITURA NA ESCOLA – SUPERANDO OS DESAFIOS.

"A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a *leitura*". CAGLIARI (1997 p. 147).

Percebemos o quanto é difícil fazer qualquer referência à temática "Leitura na Escola – desafios e horizontes" sem incluir nas discussões e reflexões autores e pesquisadores que ao longo dos anos vêm se esforçando para contribuir com seus estudos e publicações referentes às dificuldades e preocupações que docentes e discentes enfrentam no que diz respeito ao ato de ler dentro do processo de aprendizagem.

Por este motivo, trabalharemos com os autores: Ferreiro, Freire, Teberosky, Weisz, Cagliari e Martins por considerarmos as principais autoridades teóricas nesta e, portanto, base deste trabalho. Com suas experiências somam força no tecer reflexões de uma nova construção teórico - prática que deseja contribuir no despertar do interesse e gosto das crianças pela leitura de um modo geral.

A leitura é considerada um item importante na escola para a consecução de novas aprendizagens. É necessário que se continue reservando um tempo para a leitura, geralmente na matéria de "língua", pois à medida que se avança na escolaridade, aumenta a exigência de uma leitura independente por parte dos alunos.

A partir do Ensino Fundamental, pode-se afirmar que a leitura objetiva propiciar as crianças, jovens e adultos melhorarem sua habilidade de ler e, progressivamente, familiarizar-se com a leitura adquirindo o hábito de ler e, principalmente, saber que para ter acesso a novos conteúdos de aprendizagem nas diversas áreas de conhecimento, a leitura é imprescindível.

A maioria dos professores de diferentes níveis já usou muitas estratégias, materiais e métodos com resultados positivos e outros nem tanto, segundo variadas situações. Todos eles, porém, concordam que é preciso usar diferentes estratégias para que o aluno se sinta motivado para a leitura.

A motivação está intimamente vinculada às relações afetivas que os alunos possam ir estabelecendo com a língua escrita, relação que deve ser cultivada pelos professores na escola e fora dela, com atividades que despertem a curiosidade das crianças, a atitude de pesquisa, o interesse pela descoberta, etc. Só com ajuda e confiança, a leitura deixará de ser uma prática enfadonha para alguns e poderá se converter naquilo que sempre deveria ser: um desafio estimulante.

1.1 Conceituando leitura

O ato de ler está diretamente ligado à escrita, no entanto, vai além da decodificação das letras e a decifração de palavras ou frases porque a leitura promove uma relação efetiva entre o leitor e o objeto, numa conjugação de fatores pessoais, momento, lugar e circunstâncias. No processo de interação entre leitor e texto tenta-se satisfazer os objetivos que guiam a leitura, isto é, o leitor constrói o significado do texto – o que não signifique dizer que este não possua um significado próprio.

Há que se ressaltar que a leitura sempre envolve a compreensão de texto escrito. Isso, que hoje nos parece óbvio, nem sempre foi claramente aceito nas diversas definições da leitura que foram emergindo ao longo da história, nas quais se detecta uma identificação desta atividade cognitiva com aspectos de recitação, declamação, pronúncia correta, por exemplo.

Segundo o dicionário **Aurélio**, “ler é ver o que está escrito, proferindo ou não, mas conhecendo as respectivas palavras; conhecer, interpretar por meio da leitura, pronunciar em voz alta, recitar, ver e estudar, decifrar, interpretar o sentido de [...]”.

De acordo com tais significações, a leitura, em muito ultrapassa aquilo que os olhos podem ver e a mente pode identificar, compreender. Ela pressupõe um conhecimento prévio das palavras e seus sentidos exigindo do leitor as habilidades para relacionar, interpretar, conhecer, sentir o que se está lendo, etc. Ou seja, para que a leitura aconteça não basta haver a visualização da palavra, objeto, figura e/ou situação, o leitor terá de saber o que está **vendo**, identificar, decodificar, falar sobre, etc. A sua mente aqui precisa “fazer a leitura” do que os olhos contemplaram.

Sempre lemos com a intenção de atingir alguma finalidade. Os objetivos e finalidades que fazem com que o leitor se situe perante um texto são amplos e variados: preencher um momento de lazer, desfrutar, entreter-se; procurar uma informação concreta, seguir uma pauta de instruções para realizar uma determinada atividade (cozinhar, conhecer as regras de um jogo, se orientar por uma receita culinária, etc); informar-se sobre determinado fato (ler o jornal, ler um livro de consulta sobre a Revolução Francesa); confirmar ou refutar um conhecimento prévio ou aplicar a informação obtida com a leitura de um texto na realização de um trabalho etc.

O ato de ler envolve o ser em todos os sentidos; de forma individual, integrada na convivência com outras pessoas e com outro mundo, como afirma Martins (1994, p.25) quando diz que “a leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo.” Freire (1994, p.12) acrescenta “o aprendizado é, em última instância, solitário, embora se desenvolva na convivência com os outros e com o mundo”. O mesmo autor continua dizendo:

[...] a decifração da palavra fluía naturalmente da 'leitura' do mundo particular [...] fui alfabetizado no chão do quintal da minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi meu quadro-negro; gravetos, o meu giz. Por isso, é que ao chegar à escolinha particular de Eunice Vasconcelos [...] já estava alfabetizado.

Logo, o ingresso da criança no ambiente escolar é “carregado” de conhecimentos prévios e experiências vivenciadas, no que diz respeito à leitura de mundo, adquirido na interação com outras crianças e adultos. O que lhe falta, no entanto, é sistematizar esse aprendizado para a decodificação e interpretação dos signos. E isso não vai ser determinado pelo adulto mas, pela própria criança, como afirma Ferreiro (2001, p.15) quando diz que: “as crianças têm o mau costume de não pedir permissão para começar a aprender.”

A leitura é uma atividade de assimilação do conhecimento, de interiorização, de reflexão – nos referimos aqui a leitura lingüística, ou seja, baseada na escrita e que é reveladora de uma interpretação que o leitor faz de sua “leitura de mundo.” Na ótica de Cagliari (1997, p. 150)

a leitura é, pois, uma decifração e uma decodificação. O leitor deverá em primeiro lugar decifrar a escrita, depois entender a linguagem encontrada, em seguida decodificar todas as implicações que o texto tem e, finalmente, refletir sobre isso e formar o próprio conhecimento e opinião a respeito do que leu. A leitura sem decifração não funciona adequadamente, assim como sem a decodificação e demais componentes referentes à interpretação, se torna estéril e sem grande interesse.

O conceito de leitura está estritamente relacionado com a escrita entretanto, vai bem mais além que o simples fato de decodificar letras e decifrar sentidos, mas, estabelece uma ligação efetiva entre o leitor e o objeto como diz Silva (2001, p.8) “numa conjugação de fatores pessoais, momento, lugar, circunstância, contexto e elementos culturais próprios entendidos como ‘mediadores’ que oportunizam a criança para o desenvolvimento de tal capacidade.”

Assim, o ato de ler envolve todos os sentidos de forma individual, integrada na convivência com as pessoas e com o mundo, e se o contexto e a cultura são também mediadores para a aprendizagem da criança na fase que antecede a escola formal, ela começa a ler a partir da observação e compreensão que faz de tudo o que a cerca, ou seja, das relações que estabelece entre as coisas, nomes, funções e compreensão de seus significados, sem precisar decodificar os signos

da escrita e sem ser necessariamente a escola o ambiente para tal aprendizagem. Nessa perspectiva é que concordamos com Freire (1997, p.11) quando diz que "A leitura de mundo precede a leitura da palavra [...] e a leitura deste precede a leitura daquele".

1.2 Finalidades e importância da leitura

"Nossa tarefa mais importante é desenvolver nos cidadãos, a capacidade de pensar. Porque é com o pensamento que se faz um povo." Rubem Alves (1999, p. 22)

Ler para quê? A interação que se estabelece entre o texto escrito e o leitor é diferente daquela estabelecida entre duas pessoas quando conversam. Nessa última situação, estão presentes, além das palavras, muitos aspectos, como: gesticulação, expressão facial, entonação da voz, repetições, perguntas que dão significado a fala.

Na leitura, o leitor está diante de palavras escritas pelo autor que não está presente para completar as informações. Por isso, é natural que o leitor forneça ao texto informações enquanto lê. Contudo, o texto atua sobre os esquemas cognitivos do leitor. Quando alguém lê algo, aplica determinado esquema alterando-o ou afirmando-o, mas principalmente entendendo mensagens porque seus esquemas cognitivos são diferentes.

A leitura constitui-se, por outro lado, em um dos instrumentos decisivos do estudo, imprescindível em qualquer tipo de investigação científica, pois através dela podemos obter informações básicas ou específicas, poupando-nos tempo de pesquisa e permitindo um melhor entendimento sobre o assunto.

O ato de ler é indispensável para que a criança possa adquirir novos conhecimentos e produzir um discurso próprio, oral ou escrito, através de um questionamento crítico que permite a compreensão e a assimilação de idéias,

além de levar à descoberta, por parte da criança, da sua identidade e lugar onde pertence.

O mundo não se move apenas através da função instrumental, referencial da linguagem. De acordo com Kleiman (1997, p.72) "a leitura oferece também as opções lingüísticas, que permite conscientizar o aluno sobre a beleza do uso da linguagem, ou ainda, sobre os usos e abusos da língua enquanto fazer social (vide os discursos políticos, principalmente da fase pré-eleitoral)". E tal conscientização faz parte integral e constitutiva da leitura, constitui o processo cognitivo por excelência.

No contexto social existe uma diferença entre aqueles que aplicam seus conhecimentos e aqueles quem não conseguem desenvolver suas habilidades de linguagem, tanto oral como escrita. De acordo com Wornicov (1986, p.19)

a leitura cumpre uma importante função social por que as pessoas que não lêem ou que lêem pouco tendem a ser rígidas nas suas idéias enquanto as que têm hábitos de leitura tendem a formar pessoas abertas ao mundo, voltadas para o futuro, mais capazes de planejar as suas ações e de se adaptar às mudanças sociais e culturais.

A leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano, desde a mais tenra idade e segundo Allende (2005, p. 12) "determina processos de pensamento, expande a memória humana, desenvolve efeitos da linguagem – falada e escrita, permite veicular conteúdos culturais, é a grande fonte do incremento de vocabulário" e entre outras funções, ela possibilita:

- ✓ A compreensão e produção de uma mensagem simples – anúncios; propagandas escritas (panfletos, folders, cartõeszinho, etc); propagandas em imagem (televisão, outdoor, placas, cartazes, etc); sinais de trânsito, etc;

- ✓ Comunicação mais complexa como através de leitura de cartas; jornais e revistas; livros bem como o acesso rápido às informações globais através da internet, correspondência via e-mail, mensagens instantâneas, etc;
- ✓ A inclusão dos indivíduos numa sociedade do conhecimento e, portanto, de leitores, pois ela muito influencia, chegando às vezes, a pré-determinar a situação e o lugar destes no meio;
- ✓ A inserção no mercado de trabalho, que tem como exigência e requisito o domínio da leitura em determinados graus de escolarização, para o comércio, por exemplo, os diplomas e certificados na área da informática, marketing, domínio de outras línguas – atualmente o inglês, etc;
- ✓ Uma leitura crítica do mundo e dos fatos que nos cercam – instrumento de conscientização;
- ✓ Lazer e entretenimento – visando apenas ao divertimento, passa-tempo, distração, sem maiores preocupações com o aspecto do saber. Talvez tenha um mérito: o de despertar, no leitor, o interesse e, em consequência a formação do hábito da leitura. Essa prática é para os que gostam de ler, etc.

A leitura pode proporcionar ao indivíduo diversas oportunidades para sua emancipação enquanto pessoa e cidadão. No primeiro caso, a pessoa é incluída numa categoria diferenciada das demais que são exatamente a dos alfabetizados, o que lhe confere muitas vantagens que vão desde a inclusão e ascensão social à uma diferenciada qualidade de vida por ter domínio sobre o conhecimento. Já o cidadão requer a aquisição desta habilidade para poder compreender o meio social, político, econômico e cultural em que vive, seu funcionamento e organização e, conseqüentemente participar, interferir, bem como (re) construí-lo.

Enquanto o domínio da leitura é expressão de poder nas classes dominante e dominada, ela é também um instrumento para reproduzir este sistema. A distância entre leitores e não-leitores reproduz a divisão social do saber e do trabalho. Nesse confronto a leitura aparece também como instrumento de conquista de poder por outros atores antes de ser meio de lazer ou evasão.

O acesso à leitura de novas camadas sociais implica que leitura e produção de texto se tornem ferramentas de pensamento de uma experiência pessoal renovada; ela supõe a busca de novos pontos de vista sobre uma realidade mais ampla, que a escrita ajuda a conceber e a mudar, a invenção simultânea e recíproca de novas relações, novos escritos e novos leitores. Nesse sentido, o sujeito torna-se leitor pela transformação da situação que faz.

Numa sociedade hierarquizada constituída de classes, a distribuição desigual das técnicas de acesso aos bens simbólicos, como a leitura, reforça e realimenta as características excludentes dessa sociedade. Mas as condições de acessar a escola, por exemplo, no caso da leitura são totalmente desiguais qualitativamente. Para os que detêm o poder econômico e cultural, esta, preza pelo desenvolvimento de uma leitura para o conhecimento, já para os que não detêm e que viriam a obter certo poder, ela se limita à leitura para informação.

1.3 Níveis de Leitura

Quando tomamos um livro para ler, seja por qual motivo, ou com qual quer que seja a intenção o fazemos visando à finalidade destinada e isso, é o que norteia, a priori, o ato da leitura em si.

Mesmo quando o livro é diferente dos costumeiros e nos prende mais a atenção, pouco nos detemos em querer compreender o funcionamento da leitura. De certo, não conseguiríamos dá margem ao conteúdo textual, compreendê-lo, refleti-lo e analisá-lo se simultaneamente estudássemos a estrutura do pensamento e as reações do processo cognitivo da criança durante a leitura. De acordo com Martins (1944, p.36) deve haver o propósito de compreensão da leitura, "tentando dismitificá-la, por meio de uma abordagem despreziosa, mas que permita avaliar aspectos básicos do processo", por isso é que ela propõe pensarmos a leitura sob o crivo dos três níveis básicos, a saber, *sensorial, emocional e racional*.

Leitura sensorial – é a leitura que fazemos tomando por base os sentidos do nosso corpo: tato, visão, olfato e audição. Aqui, o espaço lúdico “faz a diferença” significando muito para o leitor o jogo de imagens, sons, figuras, cheiros e o próprio gosto. Tudo promove o prazer e o demorar-se na leitura e é evitado o que desagrade aos sentidos mesmo de forma inconscientes, sem racionalizações ou justificativas. De acordo com Martins (1994, p.40) “ela começa muito cedo e nos acompanha por toda a vida”.

Na criança, que ainda não tem conceitos formados e cujo processo de aquisição e aprendizagem da linguagem está se construindo, há uma maior disponibilidade e espontaneidade para esse tipo de leitura. O que dá prazer para elas é tudo o “que salta a vista”, sem julgamento de valores, ético ou estético. É nessa fase que surgem as escolhas, principalmente pelos livros que possuem ilustrações coloridas e imagens atraentes.

Leitura emocional – para os que dizem gostar de ler, encontram nesse tipo de leitura um solo fértil e propício para um envolvimento prazeroso com a prática da leitura. Apesar de pouco valorizada e até inferiorizada em virtude do seu caráter subjetivo e por comprometer emocionalmente o leitor, envolvendo-o na trama do que se está lendo. Esse tipo de leitura leva-nos a entregar-se a imaginação, nos favorece a empatia com as personagens da leitura, nos permitindo relacionar os fatos da leitura com os de nossa vida numa participação afetiva de uma realidade alheia que nos transporta para uma outra bem pessoal. A questão aqui na é o que o texto diz, mas o que ele provoca em nós, é a reação, o efeito que causa. Isso não significa dizer que para ser emocional a leitura precisa ser de um conto, um mito, mágica ou irreal, mas somente despertar a criança que há em nós abrindo-nos sem reservas ou julgamentos racionais puros ao universo apresentado no texto desligando-nos das circunstâncias concretas desse modo também surgem as descobertas, as comparações, o conhecimento.

Mesmo que rebaixada à categoria de passa-tempo ou de leitura de evasão, sentimental-emocional isso não implica dizer que os leitores são desatentos ou incapazes de pensar um texto. Talvez, a tendência maior seja de deixarem-se

envolver emocionalmente pelo que lêem não se preocupando em demasiado com a atitude intelectual frente ao texto.

Leitura racional – ao contrário dos dois tipos citados anteriormente, esta enfatiza a atividade intelectual e, detrimento do envolvimento pessoal e emocional do leitor, pois, isto “inferioriza” a leitura. Orientado por uma postura quase que investigativa o leitor vê-se motivado a isolar-se do conteúdo lido bem como do seu contexto para ler aquilo que o torna inteligente e capaz, ou seja, é a leitura racional que lhe confere o espaço na sociedade dos letrados.

No geral, ela é orientada por normas preestabelecidas cujo objeto e fins da mesma são condicionados por uma ideologia defensora de um sistema de idéias e interesses particulares. E quando seguimos tais normas pomos de lado nossa originalidade na maneira de ler, nossa capacidade de dar sentido, compreender e interpretar próprios em função de uma leitura supostamente correta sob a afirmação de um pequeno e poderoso grupo, a saber, o “dos que sabem” e por isso mesmo têm autoridade para mensurar sua valoração.

Ela é uma leitura exigente, pois tem em vista o texto a indagação, a interpretação e geralmente para um fim específico; o desprendimento do leitor tem em vista a abertura ao aprendizado, a apreensão do processo de criação.

Apesar de frisarmos aqui que para os intelectuais, a leitura mais importante e séria seja a racional deve-se considerar que não há uma hierarquização sobre os três níveis, nem prevalência de um sobre o outro. Eles são inter-relacionados, quando não simultâneos, e para o leitor, “o que vai determinar o nível predominante é a dinâmica de sua relação com o texto” MARTINS (1994, p. 79).

1.4 - Tipos de Leitura

Como podemos fazer uma leitura? Uma leitura pode ser *ouvida, vista ou falada*. A mais comum delas é a *vista*. A leitura falada acontece na escola geralmente nos

primeiros anos e, na maioria das vezes, não lemos em voz alta fora dela. Depois nos acostumamos com a leitura *vista e ouvida*, então nos tornamos envergonhados e tímidos quando solicitados para fazer uma leitura em público. Inventamos sempre uma desculpa: temos vergonha, esquecemos os óculos, etc. Isso nos faz perceber que o exercício da leitura em voz alta nos dar maior segurança da nossa capacidade para uma leitura em público. Vale sublinhar aqui ainda, a diferença entre *ouvir a fala* e *ouvir a leitura*. A fala é espontânea, por exemplo, quando contamos uma história a alguém sem recorrer a um texto e a leitura necessariamente está baseada num texto escrito sendo imediato, mas não imediato técnico.

Em outra expressão bem conhecida no que diz respeito à leitura e "ler por alto". Esse tipo de leitura não acompanha os significados do texto, mas procura identificar idéias – chave e o que se diz sobre elas podendo induzir o leitor a uma falsa interpretação permitindo apenas uma compreensão razoável do mesmo. Esse tipo de leitura é satisfatório apenas para determinados textos como relatórios, teses ou até livros que não exijam uma compreensão minuciosa e aprofundada e as vantagens que elas oferecem são basicamente duas: a rapidez com que conseguimos ler e o saber se vale a pena uma leitura mais cuidadosa ou não.

É importante compreender a leitura e a escrita como ponte para outro entendimento, instrumentos de comunicação que viabilizam e facilitam o nosso **estar e conviver** no mundo, pois significam uma ruptura com a passividade e um adentrar-se num mundo totalmente novo e cheio de encantos e descobertas. A aprendizagem, de modo geral, é um começo novo, como diz FREIRE (1998, p. 87) "Foi aprendendo que a gente descobriu que era possível ensinar e aprender. Eu parto daí".

1.5 A leitura na escola

"Penso que, de tudo o que as escolas podem fazer com as crianças e os jovens, não há nada de importância maior que o ensino da leitura." Rubem Alves (1999, p. 61).

O processo de alfabetização do indivíduo compreende basicamente ao ensino e aprendizagem da leitura e da escrita. Logicamente, seria mais comum pensar que esse processo se dá na mesma ordem: primeiro aprende-se a ler para depois escrever, pois, torna-se difícil admitir que alguém não saiba ler aquilo que escreveu. É sabido, porém, que a escrita é patrimônio da cultura letrada e que o professor é, em princípio, representante desta. Daí torna-se mais urgente introduzir os alunos nessa cultura que ensiná-los a viajar pelo mundo das letras, da compreensão, da interpretação, do sentido, do aguçamento das próprias emoções, do sabor e gosto pelo objeto lido. E é exatamente por causa desse caráter subjetivo da leitura que a escrita torna-se predominante e, portanto, mais relevante e considerada que esta.

A leitura é uma atividade essencialmente cognitiva que requer do leitor atenção, concentração e esforço mental para que se chegue à meta final da leitura, a saber, uma boa compreensão do objeto lido. Ela pode causar-nos reações diversas como: choro, alegria, satisfação, etc, uma vez que incita nossa curiosidade, instiga nossas emoções e estimula a nossa imaginação sendo até capaz de conduzir-nos a lugares nunca antes vistos ou visitados por nós. Ela favorece-nos a capacidade de criar e, de acordo com Cagliari (1997, p.167) "a escola tem a mania de controlar tudo".

E como nesse caso específico não há como saber ou medir o que se passa pela cabeça da criança enquanto ela lê, constrói seu próprio sentido ao que ler, etc, fica quase impossível para a escola avaliar e tomar posse dessa atividade, controla-la. Então, não é difícil deduzir porque se exige mais do aluno com relação à escrita do que a leitura. A real preocupação de um alfabetizador está em fazer com que a criança identifique as letras, depois as sílabas e, por fim, a palavra; daí se explicam os "textos bobos" e, na maioria das vezes, de sentido

inexistente para a criança, o que resulta automaticamente no desinteresse e dissabor pela leitura. Torna-se impossível para a escola avaliar a leitura, especialmente uma leitura silenciosa e assim, justifica-se a opção – ainda que não consciente, às vezes – da escola pela escrita, afinal, nela facilmente identifica-se os erros e acertos, melhores ou piores dos alunos, a leitura caligráfica destes, etc.

Um outro aspecto característico dessa prevalência é o fato de ser considerada a escrita uma atividade intelectual. O indivíduo que escreve é aquele que “sabe muito”, que conhece, que possui um amplo vocabulário, que bem articula as idéias para transcrevê-las ao papel. Ele pertence a uma categoria de destaque social se distinguindo das demais. É um intelectual que domina as técnicas e as letras, forjador da própria inteligência, e, portanto, muito sabido.

1.6 Ler ou aprender a ler?

Um dos múltiplos desafios a ser enfrentado pela escola é o de fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente diferentes tipos de texto.

O problema da leitura na escola não se situa no nível do método, mas no próprio entendimento do que leitura, da forma com que é avaliada pelos professores e do papel que ocupa no Projeto Pedagógico da Escola, dos meios que se arbitram para favorecê-la e, naturalmente, das propostas metodológicas que se adotam para ensiná-la.

É necessário fazer uma distinção entre ler e aprender a ler. **Ler** é estabelecer uma comunicação com textos impressos ou virtuais (na tela do computador, de TV) por meio da busca da compreensão. A **aprendizagem** da leitura constitui uma tarefa permanente, que se enriquece com novas habilidades, à medida que se manejam adequadamente textos cada vez mais complexos. Por isso, a aprendizagem da leitura não se restringe ao primeiro ano da vida escolar. Atualmente, sabe-se que aprender a ler é um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida.

Quando chega à escola, a criança já é uma "boa" leitora do mundo, pois desde muito nova começa a observar, antecipar, interpretar e interagir, dando significados a seres, objetos e situações que a rodeia.

2.7 – Aprender a gostar de ler – uma aprendizagem cultural

"O ser humano é um animal emocional" (Francisco Fialho).

Nada mais comum do que ouvir com freqüência a cansativa e desesperançosa afirmação dos professores: as crianças e jovens não gostam de ler; ou que a televisão é a grande vilã da história, ou que, antigamente as pessoas liam mais. Com essas afirmações esqueceu-se de que ninguém se torna leitor apenas por um ato de obediência e de que ninguém nasce gostando de leitura, assim como ninguém nasce gostando de futebol ou de cinema. Dessas coisas aprende-se a gostar, e essa aprendizagem é cultural.

Casos há em que as pessoas não tiveram acesso a livros interessantes, ou passaram por experiências negativas quando ao ato de ler, e conseqüentemente não gostam de ler.

Uma pessoa, pois desenvolverá o gosto pela leitura se desde cedo tiver experiências gratificantes, quer através dos livros ou mesmo da internet (já que hoje é um dos meios bastante usados) ou da televisão, que é mais acessível. Não podemos negar o poder de atratividade de que a televisão dispõe, diante dela nos comportamos com despreensão, livres e sem a sensação de cobrança, que costumeiramente nos acompanha uma leitura requerida ou "passada" pelo professor. Mas, a televisão não ocupa o lugar do livro na vida da criança, pois atende somente a certas expectativas, enquanto o livro disporá de aspectos insubstituíveis.

Um leitor forma-se aos poucos, sedimentando estratégias e habilidades de leitura ao longo de toda a sua vida. Daí a importância de se começar o quanto antes o contato da criança com o mundo dos livros, antes mesmo que ela "aprenda a ler".

Portanto, muitas das pessoas que não gostam de ler são apenas as que não foram estimuladas ou que passaram por experiências negativas, lendo livros que lhes foram impostos e nada lhes acrescentaram. Na verdade, quando o texto é acessível e significativo, as pessoas se animam e a leitura acontece.

Outros casos nos são mais conhecidos, são os em que a maioria dos pais são analfabetos, ou não têm habilidades suficiente para ajudar os filhos na tarefa de casa. Automaticamente o ambiente familiar dessas crianças é desprovido da presença dos livros, revistas, jornais, etc, e quando não o são, são considerados como enfeite para a estante, ou servem para olhar somente "as figuras", para recorte, etc. sabemos que a "primeira escola" da criança é a família. É com esta que ela aprende a falar, a se comportar, a ser. Se a família, por qualquer que seja o motivo, não valoriza, incentiva e até exige da criança uma relação direta com a prática da leitura, torna-se por demais difícil para a criança adquiri-lo, uma vez que quase sempre a escola não consegue fazê-lo.

Assim, o papel da escola deve ser o de buscar soluções para que as crianças tenham mais oportunidades de conhecer livros que tornem o ato de ler uma experiência gratificante, cheia de emoções e não rotineira tarefa escolar.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Ao analisarmos o processo de leitura observamos quão necessários se tornam os estudos, projetos e pesquisas condizentes à problemática, por isso, ao desenvolver a temática **Leitura na Escola: desafios e horizontes**, iremos sugerir e propor às professoras uma metodologia didática e prática que facilite e motive uma aprendizagem prazerosa para o aluno.

O universo da nossa pesquisa compreende as oito professoras dos turnos manhã e tarde da Escola Profissional Monte Carmelo, com as quais efetuaremos leituras

e discussões referentes ao tema. Os encontros acontecerão na própria escola no horário complementar do trabalho utilizado pela supervisão para as reuniões de departamento.

Objetivamos com este trabalho:

- Analisar as dificuldades de leitura vivenciadas no cotidiano de sala de aula;
- Discutir a prática docente e no que ela pode está (ou não) incentivando aos alunos para que estes tenham mais gosto pela leitura;
- Orientar os professores na confecção de jogos, realização de dinâmicas e outros lúdicos, para trabalhar a temática em sala;
- Organizar um espaço de leitura (**cantinho da leitura**) na biblioteca da escola para incentivar os alunos na prática freqüente desta.

Optamos, para realização e aplicação deste trabalho, por uma pesquisa de caráter exploratório nas abordagens quantitativa e qualitativa, pois, como nos afirma Gonsalves (2003, p. 68) “é necessário superar esse dualismo, distinguindo níveis de intensidade presentes em cada pesquisa quando se trata da natureza dos dados” e Santos (200, p.26) reforça que “a pesquisa moderna deve rejeitar uma falsa dicotomia na separação entre ambas, onde explorar é tipicamente a primeira aproximação de um tema e visa criar maior familiaridade em relação a um fato ou fenômeno”.

Segundo Jerry (1999, p.71) o método quantitativo

é o estudo descritivo que aborda aspectos amplos da sociedade, por exemplo: descrição da população economicamente ativa; emprego de rendimentos e consumo; do efetivo de mão-de-obra; levantamento de opinião da população através de um instrumental estatístico, etc.

Esse método representa, em princípio, a intenção de garantir a precisão dos resultados e evitar distorções de análise e interpretação, possibilitando conseqüentemente uma margem de segurança quanto às inferências.

Por outro lado, o método qualitativo, como nos indica o autor supracitado (1999, p.73):

é uma forma de entender a natureza de um fenômeno social. (Seu objeto de estudo são situações complexas ou estritamente particulares.). Os estudos que empregam tal metodologia podem descrever: a complexidade de um determinado problema; analisar a interação de certas variáveis; compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais; contribuir no processo de mudança de um determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades de comportamento dos indivíduos.

E segundo Gonsalves (2003, p. 68) ele preocupa-se com "a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão à suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica".

Fundamentados então nessas duas abordagens, utilizaremos como instrumento de coleta de dados, um questionário com questões abertas e fechadas, elaboradas das mais simples para as mais complexas, facilitando assim a reflexão e respostas das professoras. As quatro primeiras questões são direcionadas as professoras e dizem respeito à relação de cada uma delas com a leitura. Elas apresentam nesse bloco: seus conceitos, a valorização e a pratica da leitura. O bloco seguinte, da quinta a décima segunda questão, se refere aos alunos e aos processos de ensino-aprendizagem em sala de aula, bem como, as dificuldades das professoras com relação aos problemas de aprendizagens dos alunos.

Sugeriremos por fim às professoras, estabelecerem uma relação de diálogo em que os alunos, em conjunto com estes e seus colegas, exerçam a prática de

refletira (pensar sobre seu modo de pensar, reconhecer, situar, problematizar, verificar, especular, relacionar, historicizar, relativizar, etc) com o objetivo de construir coletivamente o conhecimento.

2.1 Um panorama escolar (caracterização da escola)

Este trabalho foi realizado na Escola Profissional Monte Carmelo e tem como objetivo diagnosticar a escola nos seus diversos aspectos.

2.2 Dados de Identificação

Nome – Escola Profissional Monte Carmelo

Endereço – Rua Vicente Bezerra, 01 Bairro, Esperança.

Localização - situada na zona urbana do Município de Cajazeiras, a escola recebe crianças, adolescentes, jovens e adultos do próprio bairro da Esperança e de outros bairros da cidade, não sendo necessário portanto, o deslocamento destes para a escola através de transporte coletivo e/ou outros. A maioria do seu alunado reside no mesmo bairro e os demais bairros são próximos da escola.

Os meios de comunicação da escola são: o telefone, o rádio e a televisão. O bairro da esperança onde está localizada a escola dispõe de serviços comunitários como: posto de saúde, serviço da "Patrulha Escolar" que consiste em visitas regulares da policia a unidade de ensino e a Escola Municipal de educação Básica Cristiano Cartaxo.

A atividade econômica é baseada no comércio, em mercearias no próprio bairro e com vendas ambulantes.

A infra-estrutura é satisfatória, a iluminação, o abastecimento de água, a rede de esgoto e a coleta de lixo ocorrem regularmente na maior parte do bairro.

Um dos eventos mais marcantes do bairro é a encenação da Paixão de Cristo, que acontece com jovens da comunidade, na Escola Profissional Monte Carmelo, considerado atualmente pelo calendário de eventos da cidade, por atrair um grande número de pessoas.

2.3 Histórico

A Escola Profissional Monte Carmelo foi fundada há 56 anos, pelo bispo Dom Luiz de Amaral Mousinho e pela Madre Carmelita de Jesus, com o objetivo de promover crianças, adolescentes e jovens através de uma educação de qualidade aproveitando também o espaço escolar para uma educação religiosa que leve os seus egressos a uma prática cristã. A escola, através de sua primeira diretora, a Me. Carmelita, ministrava cursos profissionalizantes diversos com a finalidade de melhorar as condições de vida das jovens, lançando-as assim no mercado de trabalho artesanal no desejo de que estas, além do aprendizado alfabético pudessem também desenvolver suas habilidades artísticas e aumentar a renda familiar suavizando assim as condições de pobreza precária da época.

Foi inaugurada em 15 de fevereiro de 1951 sob a direção das Irmãs Missionárias Carmelitas, sendo a primeira diretora a Madre Carmelita, que, pelo seu espírito de luta e grande fé na providência divina, levou avante o desenvolvimento educacional ministrando os seguintes cursos: culinária, corte e costura, bordado a mão e máquina, datilografia, copeiragem, flores, pintura, arte decorativa e o curso primário.

Todos os cursos eram oferecidos gratuitamente a jovens reconhecidamente pobres. Inicialmente, funcionava no Circulo Operário, com o passar do tempo, as instalações foram se tornando insuficientes, para a realização de uma educação de qualidade.

Em 1960, a congregação das Irmãs Missionárias Carmelitas iniciou a construção do prédio atual da Escola Profissional Monte Carmelo na rua Vicente Bezerra, Bairro da Esperança.

Em 1980, a congregação firmou convenio com o Governo do Estado para melhor garantir o seu funcionamento. Desta forma continuamos assumindo a missão educacional, enfrentando os desafios da época e suas conseqüências, buscando reconstruir a vida humana dando oportunidade àqueles que não tem voz nem vez.

2.4 Estrutura Administrativa e Organizacional

O processo de tomada de decisões e de comunicação, entre os diferentes segmentos da comunidade escolar, se dá de forma democrática e participativa.

Os segmentos organizados e presentes na gestão da escola são: grupo de teatro "amigos da escola" e voluntários.

As relações entre os diferentes segmentos da comunidade escolar são de um modo geral harmoniosas com alguns conflitos apenas em relação a participação das professoras dos departamentos semanais na escola.

Os recursos financeiros são do Fundef, através do PDDE (Programa Dinheiro Direto Na Escola). Estes recursos enviados a escola a cada final do ano em uma única parcela de 1500,00 reais para ser investido nas necessidades mais urgentes da escola e na compra de material de expediente de secretaria e limpeza. E do programa da Merenda Escolar que distribuído em quatro parcelas durante ano para a compra da merenda tanto para esta escola quanto para uma escola filha.

A escola dispõe apenas do ensino da Educação Infantil, da Primeira Fase da Educação Básica e da EJA (Educação de Jovens e Adultos).

O quadro de professores da escola consta de efetivos cedidos de outras escolas (Desembargador Boto e Victor Jurema), pró-tempore e contratados do Governo do Estado da Paraíba. Essa situação foi fruto do Plano de Cargos e Carreiras do Governo Estadual atual, pois sendo esta Escola, só conveniada com o Estado e não Estadual, os professores efetivos que aqui permanecessem pediriam o direito de usufruir o Plano. Assim sendo, os professores efetivos tiveram que optar pela transferência para garantir o que lhe é de direito.

2.5 Proposta Pedagógica

Os principais documentos da escola são: Projeto Político Pedagógico; Plano de Ação da Escola, Estatuto da Escola ou Regimento Escolar e as Orientações e Diretrizes para o funcionamento do ano Letivo da secretaria de educação do Estado. Mas também estão sendo estudados e debatidos o Plano de Cargos Carreira e Remuneração para o Magistério e o Plano Estadual de Educação além da LDB (Lei de Diretrizes e Base).

Conta nestes documentos tanto às leis do MEC (Ministério da Educação e Cultura) e da Secretaria de Educação do Estado, quanto à própria Proposta pedagógica e administrativa da escola, esta última, elaborada pela comunidade escolar.

Objetivo: Criar ambiente para o desenvolvimento de uma educação participativa na luta pela Paz, combatendo a violência, para uma plena realização dos direitos e deveres dos educandos em busca do conhecimento físico, psíquico e social dos alunos e suas famílias.

➤ *Atividades a serem realizadas:*

- Planejamento da Escola;
- Planejamento Pedagógico P.P.P;
- Pinte na Escola;
- Trabalhar Projetos como: Leitura, da Escola, da Cidade Etc;
- Estudo CF 2007;

- Reunir Pais;
- Trabalhar com Projetos;
- Celebrar Páscoa da escola, Professores e Pais;
- Organizar o esporte ampliando a modalidade;
- Futsal – atletismo – vôlei – tênis – handebol;
- Priorizar a arte plástica e cênica – Como instrumento de socialização;
- Criar uma bandinha infantil rítmica – pré-escolar, para desenvolver o gosto pela música;
- Criar grupo de dança;
- Promover manhã de estudo e reflexão para professoras;
- Promover encontro de formação para as crianças da 3ª e 4ª séries;
- Celebrar o mês de maio na escola;
- Investir mais na gincana, não apenas competitiva, mas priorizar o tema e a cultura;
- Organizar uma exposição de artes plásticas;
- Manter a tradição do Forró-melo;
- Celebrar o mês vocacional;
- Celebrar o mês da Bíblia;
- Celebrar o mês missionário;
- Celebrar o Natal da Escola;
- Celebração de Formatura – concluintes Pré-Escolar e 4ª Série;
- Oferecer banho de ducha aos grupos que demonstram melhor desempenho das atividades;
- Entrega dos resultados bimestrais será feita nas salas de aula onde será apresentado o desempenho de cada aluno.
Serão previamente avisados quando estiverem prontos.

2.6 Planejamento e sala de aula

Todas as atividades supracitadas são frutos do planejamento da coordenação administrativa e pedagógica juntamente com todas as professoras. O planejamento geral acontece uma vez no início de cada bimestre e o plano das atividades definidas para todo o ano é trabalhado semanalmente em um

expediente extra dos professores na escola, ou seja, no "Departamento". Nos quadros demonstrativos e no anexo estão inclusos tanto a dimensão técnica-administrativa e pedagógica da escola quanto o levantamento das dificuldades, necessidades e alternativas de solução no Plano de Ação para 2007.

Conclusão

Concluimos, ressaltando a importância deste trabalho, de observação e registro da realidade técnica-administrativa e pedagógica da escola Profissional Monte Carmelo, tendo como objetivo a realização de um primeiro levantamento de dados, ou seja, a realização de um diagnóstico que viabilize a execução do estágio de conclusão do curso.

Este trabalho nos possibilitou presenciar a vida das crianças na escola, as atitudes dos profissionais de educação em relação a elas e ao mesmo tempo relacionar estas experiências observadas aos conceitos e teorias estudados nas várias disciplinas já ministradas no decorrer do curso, de maneira mais direta com as reflexões da disciplina orientadora do estágio.

5. CONTRIBUIÇÕES DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

O nosso estágio foi desenvolvido em oito encontros com as oito professoras da Escola Profissional Monte Carmelo dos turnos manhã e tarde, com o objetivo de analisar as dificuldades de leitura vivenciadas no cotidiano de sala de aula.

No nosso primeiro encontro de estudo com as professoras trabalhamos os **conceitos de leitura** apresentados por Martins (1994), Ferreira (1986), Cagliari (1997) e Freire (1985), mas, antes de apresentá-los fizemos uma sondagem daquilo que para cada professora seja de fato leitura.

A professora C, disse que, para ela, leitura "é a capacidade que as pessoas têm de identificar as letras para poder ler as palavras e o texto completo". A professora E, acrescentou: "leitura é a compreensão e descrição até mesmo de uma figura", como ela ensina no pré-escolar, costuma trabalhar a leitura a partir de gravuras, pedindo às crianças para "lerem o que vêem". De modo geral, os conceitos apresentados pelas professoras contemplam as dimensões da decodificação e da leitura de imagens.

Compreendemos, no entanto, como Abramovich (2002, p.14) que "ler sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens", ultrapassando, portanto, os limites gráficos da letra e do desenho.

A dinâmica utilizada neste encontro foi de subdividi-las em duplas e depois de ler, cada dupla apresentar o conceito do seu autor e por fim, ampliar a discussão para a interação de todas.

A professora F, concorda plenamente com Martins (1994, p. 27) quando diz que "a leitura seria ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo", ela relata: "a leitura é tudo na vida de um estudante, é uma porta de acesso para o mundo interno e externo da pessoa". Também nós, pensamos como a professora, sua afirmativa expressa a grandiosidade da leitura; ela reconhece os benefícios que esta proporciona ao indivíduo. A leitura abre as porta do mundo, das relações, da comunicação, etc, podendo a pessoa, por meio dela, obter formação, informação, instrução, etc.

No segundo encontro, discutimos o texto **ler ou aprender a ler?** o que nos levou a uma reflexão sobre a aprendizagem da leitura enquanto "um processo que se desenvolve ao longo de toda a vida", Kriegl (2003, p.32) e que não está encerrado somente na capacidade da criança de decodificar, decifrar e obedecer a pontuação do texto.

Os passos para a efetuação de uma boa leitura sem dúvida passam por estes elementos: primeiro vem a identificação das letras, palavras, frases; depois a compreensão, interpretação, atribuição de sentido, capacidade de uma reflexão crítica sobre, e por fim, o uso do corpo e os órgãos do sentido para assim dar mais vida ao que se lê.

Não esqueçamos, ainda que para se fazer entender a leitura de um texto impresso, o emprego e o uso correto da pontuação são primordialmente indispensáveis.

As professoras percebem que ler como afirmam Kriegl (2003, p. 32) “é estabelecer relação com textos impressos ou virtuais” e que há diferença entre isto e a aprendizagem da leitura em si. Esta, por sua vez, é mais exigente e envolve outros elementos como: entonação e dicção vocal, expressão corporal e facial, uso de técnicas, etc, e vai “se enriquecendo permanentemente com novas habilidades, à medida que se maneja adequadamente textos cada vez mais complexos” como relata autora supracitada.

As professoras, **A**, **B** e **H** comentaram da necessidade do constante exercício da leitura, pois “a maneira como lemos para os nossos alunos mantêm-nos ou não atentos, desperta ou não o interesse e o gosto deles pela leitura”, afirmam.

As professoras E e F, que afirmam veementemente o não gosto pessoal pela leitura, são exatamente as duas professoras do pré-escolar, responsáveis pelo ensinamento das letras numa fase em que a criança desenvolve um verdadeiro encantamento pelo ambiente escolar, nas relações com os coleguinhas, no manejar e explorar do próprio material, na descoberta de suas habilidades, etc. Se o professor formador de leitores não tem o gosto pela leitura, como irá despertar o interesse dos alunos pelo prazer de ler? Não esqueçamos que, como diz Cristhiane de Souza “O educador é um elemento impulsionador, mediador da leitura, criando em sua sala de aula condições para que seus alunos possam ler”.

Todavia, cobramos de nossos alunos uma atitude de leitor voraz e exímio escritor. Seguindo esse raciocínio de que lemos pouco e escrevemos pouco, podemos deduzir que pouco exercitamos essas habilidades. Entretanto, mesmo com pouca prática, estamos em sala de aula, ensinando. Isso seria loucura?

Fazendo uma analogia com outros conteúdos a serem aprendidos, seria o mesmo que ensinarmos alguém a dirigir um automóvel, a enfrentar vias públicas congestionadas, intensas de tráfego sem termos saído de nosso bairro. Tendo somente dado voltas no quarteirão de casa. Ou então, darmos aulas de natação, sem entrarmos na piscina.

Aprender a ler e a escrever não é diferente do aprender outras coisas. Dirigir, por exemplo, mesmo quando aprendemos todas as normas de trânsito, a mecânica de funcionamento do veículo, a operacionalização da máquina, e mesmo quando dirigimos, temos de dirigir – treinar – muito para aprimorarmos nossa habilidade. Ainda sim, muitas vezes somos obrigados a enfrentar situações que desconhecemos.

Ao usarmos a expressão “uma boa leitura” entre as discussões a professora C nos interrompeu com o seguinte depoimento: “o problema está na alfabetização, é nos primeiros anos mesmo! A criança é má alfabetizada e quando é promovida para a série seguinte, em vez de ensinar o conteúdo próprio o professor tem que se preocupar em corrigir as deficiências da série anterior. Daí, ele não consegue fazer nem uma coisa nem outra”.

Ao demonstrar seu descontentamento, a professora fez, nas entrelinhas, uma relação do problema de uma má alfabetização com a leitura. Para ela, fazer uma “boa leitura” significa primeiro ser bem alfabetizado, quando isso não acontece o processo de aprendizagem, como um todo se prolonga e se a criança tem deficiência na leitura terá de igual modo, ou mais ainda, nas outras disciplinas, o que torna o processo educacional enfadonho. Desse modo, o professor não

consegue ensinar aos que estão aptos para acompanhar a série porque terá de se preocupar em corrigir as deficiências dos retardatários.

No terceiro encontro trabalhamos o texto **Finalidades e importância da leitura**, cujas discussões se deram em torno de dois eixos geradores: **porque é importante aprender a ler?** e, **para quê a aquisição dessa habilidade, o que muda no concreto da vida?**

Esse foi um dos encontros onde as professoras mais participaram. De modo geral, elas destacaram o valor social da leitura, cuja representação implica: ponte para a ascensão, degrau para a aquisição e promoção de emprego, ampliação do vocabulário, maior clareza na comunicação e relações interpessoais, etc.

Outro aspecto considerável da leitura é o seu **valor simbólico**. Ela é um patrimônio histórico da cultura letrada. Ler entre os antigos, significava possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só o desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente a sociedade, no caso, a classe dos senhores, e, portanto, dos homens livres. Estes detinham o poder de produzir e disseminar as ideologias nos diversos espaços sociais.

Ao discutirmos o porquê e para quê ler, tivemos os seguintes relatos: professora **A**, "a leitura é importante porque sem ela a pessoa não faz nada"; professora **B**, "tudo o que vamos fazer na vida requer a prática da leitura!". Essas expressões designam o reconhecimento do valor que ela tem na vida do indivíduo e indica que, desprovido dela sobressair-se, como da condição de desempregado, por exemplo, se torna mais difícil.

Refletindo sobre as finalidades da leitura, destacamos as questões: o que a leitura possibilita às pessoas? Quais as vantagens que estas possuem sobre as que não sabem ler? De acordo com as respostas, elencamos os seguintes itens:

- Compreensão e produção de texto - professora **A**;
- Acesso a meios de comunicação mais complexos - professora **B**;

- A inclusão do indivíduo na comunidade dos letrados - professoras **C** e **G**;
- A inserção no mercado de trabalho, que exige até um grau x de escolarização - professoras **D** e **E**;
- Ela funciona como instrumento de conscientização - professora **F**;
- Meio para lazer e entretenimento, professora **N**. E a professora fez questão de ressaltar em tom forte que “para que isso aconteça, é preciso que o sujeito goste muito de ler”.

A respeito desses itens, temos Kleiman (2000, p.24) que sugere as “três espécies de leitura: de entretenimento e distração; de cultura geral ou informativa e de aproveitamento ou formativa”.

Por fim, a professora **G** lembrou que ela também aparece num contexto de inclusão e exclusão e, portanto, de divisão social, como um instrumento de poder e explicou: “veja o que é uma pessoa analfabeta discutindo sobre seus direitos numa repartição pública. É facilmente calada e lesada por argumentos nem sempre justificáveis ou justos. Elas são enganadas o tempo todo e vivem a mercê da sorte.”

E seguiram-se outros exemplos semelhantes de “pessoas que não sabem pedir uma informação” (professora **B**): “das que não compreendem um diagnóstico médico ou até orientações simples sobre o uso de algum medicamento” (professora **E**): “dos idosos que enfrentam as filas de agência bancária à espera da ajuda de um funcionário por não saberem ‘ler’ o caixa eletrônico” (professora **F**), etc. Aí, a professora **G** reforçou: “é nisso que digo que a vida dessas pessoas podia ser facilitada se soubessem ler...” Logo, na visão de Fahena Porto (2003, p.16) “não se pode separar a prática de leitura da vida em família e na comunidade”.

A partir do quarto encontro, partimos para situações e realidades mais próximas das professoras, realidades com as quais elas convivem e as sentem. **A prática da leitura começa em casa**, Fahena Porto (2006, p. 16), é necessário refletir:

- A influência das relações familiares na aprendizagem da criança;

- A família como formadora de valores e hábitos dos filhos;
- A família como parceira da escola, etc.

O primeiro item trata de uma questão pouco lembrada por nós, a saber, a relação da criança com a família e desta com a leitura, e desta com a leitura no processo de aprendizagem. Conforme a autora, o vínculo afetivo da criança com os pais pode levá-la a um maior aproveitamento na aprendizagem, pois isto supõe, o interesse e preocupação dos pais pelas atividades escolares dos filhos, o incentivo a partir de atitudes como tomar o filho ao colo e ler uma historinha, ler para estes dormirem, favorecer um espaço para os folhos fazerem a tarefa, bem como, acompanha-los, perguntar o que aprenderam na aula, etc.

Segundo Bus e Van Ijzendoorn (apud Teberosky e Kolomer 2003, p.129), todas essas ações permeadas pelo “vínculo de apego com os pais, estimulam as crianças na exploração do ambiente, no entusiasmo e curiosidade para a escrita e os textos, bem como para outros tipos de objeto”.

Aqui, surgiram alguns depoimentos do tipo: “essa realidade está bem distante da nossa escola. O que acontece com 90% dos nossos alunos, é que são de famílias desestruturadas, carentes, de pais semi-analfabetos, etc. “A escola para estas crianças, funciona mais como um espaço para as brincadeiras (recreio) e o lanche (merenda)” disse a professora H. “E que tipo de hábitos e costumes essas crianças podem aprender com seus pais”? O que podemos esperar delas quanto à aprendizagem?”, indagou a professora A.

De fato, se a criança tem em casa a imagem do pai ou mãe lendo, jornais espalhados pela casa, acesso a revistas, etc, ela terá mais chances de aprender a valorizar e gostar da leitura, de formar o próprio hábito, de aprendê-lo com seus pais. Na versão da professora D, “é na família onde se dão os primeiros aprendizados dela, e é com ela que a criança passa maior parte do seu tempo. Logo, a família ‘ensina mais’ que a escola”, conclui.

De fato, é com a família que aprendemos a nos aproximarmos da leitura, é por ela e em seu ambiente que concluímos sua importância para a vida, ela nos ensina o diálogo com o mundo e com as outras pessoas, nos introduz no mundo das histórias, dos contos, dos mitos, das primeiras palavras pronunciadas, etc. A escola, por sua vez, através das técnicas e métodos, vem rebuscar, aprofundar, e ampliar o ensino familiar. Dentre tantos outros atributos, ela é responsável em manter a criança em contato permanente com a leitura.

Nesse sentido, a família precisa estar em consonância com a escola, selando com esta uma verdadeira parceria. Concordamos com a professora F quando diz que, "isto não significa somente a participação dos pais nas reuniões da escola, o comparecimento destes para recebimento do boletim ou quando requisitados pela direção pelo mau comportamento dos filhos, essas são circunstâncias obrigatórias". Na compreensão da professora B, "a parceria que o texto sugere, tem como objetivo principal a educação da criança, a sua formação e sua aprendizagem. Às vezes, acontece de ensinarmos um hábito de boas maneiras à criança, por exemplo, e quando ela o repete em casa os pais dizem que é besteira, ou até a ridiculariza, e isso destrói o trabalho da escola. É nesse sentido, que entendo a urgência dessa parceria".

Foi a partir desse comentário que sugerimos à escola um trabalho de conscientização e orientação com os pais. Aproveitando as reuniões já existentes, a escola pode projetar um vídeo que trate das relações familiares, desenvolver dinâmicas, criar um insquet – apresentação teatral curta – discutir com eles sobre a importância de participarem e incentivarem na educação dos filhos, etc. "O que não dá é para ficarmos assistindo essa realidade como expectadores, se está também em nossas mãos a chance de reverter esse quadro", diz a professora G. É como diz Fahena (2006, p.16) "se os pais derem as mãos aos professores, aí sim, a escola se tornará mais família e a família, mais escola. O resultado virá para todos os envolvidos".

No encontro seguinte continuamos a mesma linha de reflexão, trabalhando a **importância dos pais na formação dos filhos leitores**, texto de Josette Jolibert

que condensa em si questões do cotidiano da vida e da realidade das nossas escolas, no tocante ao seu sugestivo tema.

A primeira exortação da autora é sobre a confiança que os pais dos alunos depositam ou não na escola. E cita Jolibert (1994, p. 127) “modificar as práticas pedagógicas, nunca torna simples as relações com os pais dos alunos”, ao que comenta a professora C:

os pais das nossas crianças ainda estão muito fixados nos métodos antigos. Se a criança chega em casa dizendo que a professora desenvolveu uma atividade com música na sala de aula, ela a chama logo de ‘enrolona’ e diz que as coisas já não são mais como no seu tempo.

Apesar do exemplo da professora, ela como as demais, concorda que “há espaço para lançar mão da criatividade e que é por ignorância que alguns pais reagem assim”. É certo que existe pais abertos e disponíveis às mudanças que confiam na escola e até colaboram, incentivam os filhos à realização das novas tarefas, na contra-mão destes, os que não compreendem ou não aceita, as “novas mudanças” podem representar um empecilho à escola especialmente à professora.

De acordo com Jolibert (1994, p.128) “os pais sabem muito bem que o domínio do ler / escrever é um dos fatores determinantes do sucesso ou do fracasso escolar”. Com esta afirmativa concorda a professora A, quando acrescenta:

é por isso que a preocupação maior com a criança é no seu aprendizado da leitura e da escrita. Dificilmente alguém verá um pai ou a mãe perguntar à criança o que ela aprendeu na aula de ciências ou de história, quantos são os pontos cardeais, como funciona a rotação da terra, se sabem usar a bússola, etc. Eles querem saber primeiro se a criança já está lendo e evoluindo na leitura, o que elas lêem nem sempre tem valor na mesma proporção.

É preciso está atenta para não exceder com o cuidado pelo aprendizado da leitura, pois não é somente ela que concentra em si o aprendizado de modo geral. O conhecimento em si é muito mais amplo. "Não é difícil encontrar também professores exaustivamente angustiados e concentrados nesse item esquecendo-se dos demais e seus valores para a vida da criança", comenta a professora E.

Uma outra observação da autora é sobre a segurança que os professores devem exercer sobre as novas práticas. Se hesitam na execução destas, enfrentarão mais facilmente a posturas tensa e defensiva dos pais. Endossando o pensamento, comente a professora G: "nisso, ela tem mais que razão, para ser 'modera' ou construtivista não basta somente desenvolver novos métodos , ela precisará planejar bem sabendo quais objetivos quer atingir em vista da aprendizagem dos alunos".

A essa realidade comenta Jolibert (1994, p.130) que

se fizerem isto, contribuirão para que as crianças vejam a leitura somente como um processo de transladação de um código para outro, e não, como um desafio interessante que precisam resolver, para saber o que dize como devem dizê-lo.

Outro risco que nós corremos, lembra a professora H, é "fazer com que a criança deturpe o verdadeiro sentido da leitura a partir dos métodos que utilizamos". A responsabilidade de ensinar é maior que pensamos, pois esta excede o prático para abranger os valores.

O sexto encontro, intitulado **O professor como leitor** de Colomer e Teberosky (2003, p.127), leva o professor a refletir a sua condição de leitor, visto que sua profissão exige que ele (a) ensine a leitura, não somente de forma mecânica, mas transmita o próprio valor e gosto pela leitura.

A relação do professor com a leitura pode interferir diretamente na aprendizagem e gosto da criança pela leitura, “o segredo está no método” diz a professora B, e continua,

“Para trabalhar uma historinha, por exemplo, eu começo pela capa, peço para as crianças identificarem os personagens, fazer relação deste com o título do livro, comentarem a impressão que cada uma tem da história, pergunto o que elas acham que vai acontecer e como vai terminar. Ao final dos comentários, elas têm construído a história por elas mesmas e quase sempre coincide com a original”.

A professora usa seu exemplo para dizer que, se não gostasse de ler não saberia criar uma motivação desse tipo antes de iniciar uma leitura com criança. A espontaneidade do método dela é fruto do próprio gosto pela leitura e do contrário, só conseguiria mecanicamente sem “nenhum efeito”.

Constatamos ainda que a dinâmica utilizada desenvolve muito o pensamento da criança, sua imaginação, raciocínio, lógica, etc, levando-a a pensar por si mesma, a construir significação e sentido para mais tarde, defender suas idéias e se posicionar criticamente diante das ideologias, e contexto social, a sua volta.

De acordo com Colomer e Teberosky (2003, p.127) “quando o professor realiza a leitura em voz alta, a criança aprende a participar com audiência, porque escutar ler não é algo passivo”. Aqui, chamamos a atenção para uma outra metodologia que é utilizada pela professora D, é a roda de leitura. Ela explica:

“Depois de trabalhar as figuras, eu leio em voz alta pausadamente pra elas (as crianças) em seguida elas lêem parágrafo por parágrafo – no círculo cada criança lê um parágrafo até concluir o texto todo. Depois trabalhamos as palavras desconhecidas usando o dicionário e depois de cada um lê em silêncio, lemos todos juntos. Então, vamos para a parte didática de

interpretação e exercício. Aí, eles já aprenderam *direitinho*".

Percebemos aqui a confiança da professora no método utilizado. Ao escutar repetidas vezes o texto, lendo-o inclusive, a criança fixa melhor as informações, entram no mundo do texto, memoriza incorporando traços lingüísticos do discurso ou fala dos personagens, etc. Assim, aumenta a probabilidade de aprendizagem da criança, pois como dizem Colomer e Teberosky (2003, p. 127) "ao escutar a leitura as crianças aprendem que a linguagem escrita pode ser reproduzida, repetida, citada e comentada".

A leitura dos adultos influi no desejo de aprender d criança. Quando ma leitura é feita acompanhada de gestos, uma entonação de voz diferente para os diferentes personagens, incorporação dos personagens e seus sentimentos, leva a criança a perceber um jeito novo de se fazer uma leitura, um jeito gostoso de ler que a faz adentrar-se em território desconhecido para explorar novas formas de linguagem. Vai depender de como são orientadas, pelos adultos, a leitura das crianças.

O artigo **Oba! Hoje é dia de leitura**, da Revista Nova Escola escrito por Bia Reis trouxe para o nosso penúltimo encontro algumas experiências e iniciativas para promover a leitura em escolas e colégios de Belo Horizonte –MG, Curitiba –PR, São Paulo-SP, etc.

Nosso objetivo principal com estes relatos foi de mostrar às professoras que não é necessário "fazer mágica" para facilitar o interesse das crianças pela leitura. Algumas alternativas se apresentam como motivadoras e curiosas e mesmo que não sejam solucionáveis aos desafios mostram o valor da leitura e o prazer que um bom texto pode trazer.

Entre outras questões, o texto aborda a importância de se escolher bons livros, especialmente para as crianças iniciantes e a orientação deve ser do professor, comenta a professora Ana Maria (2005, p. 17) quando diz: "missão importante do professor é a de ensinar a escolher bem a leitura - indicações inadequadas, feitas pela escola podem afastar a garotada do mundo das letras".

A criança ler com prazer o livro que ela escolhe, mas, aí ela corre o risco de não fazer uma boa escolha, pois no geral os critérios das crianças são: o colorido, as imagens, o tamanho da letra, etc; o conteúdo em si “passa lá longe” e às vezes podem ser escolhidos textos muito complexos para a sua fase de aprendizado. “O professor deve avaliar o nível da criança e, quando o texto estiver abaixo de sua capacidade, escolher desafios maiores” comenta a professora A.

Outra preocupação é com o gênero literário, pois “se descuidarmos, os alunos só querem ler os gibis e os livros de leitura infantil” diz a professora E. “Há que se cuida para não esquecer de promover as leituras de caráter científico e que estão mais voltados para o conhecimento do aluno,” acrescenta a professora C.

Com isso, percebemos a associação que facilmente fazemos de leituras prazerosas aos textos de entretenimento e do texto científico às leituras enfadonhas, difíceis e chatas. E nem sempre isso acontece. Uma sugestão é variar o gênero literário: numa semana os gibis, na outra, uma revista educativa, em uma outra, histórias infantis, jornal, etc, assim elas vão se abrindo aos diversos gêneros e reconhecendo o valor de cada um para sua formação.

Outra atividade muito interessante e que pode motivar o prazer da criança pela leitura é o contar histórias, atividade que pode ser realizada com criança de 4ª série. Pode-se dar um livro com uma história pequena para a criança lê-la em duas semanas. Em seguida, reunindo os pais, os amigos e toda a escola de modo geral elas, fazem a apresentação atentando-se para os gestos, a entonação de voz, etc. O que se supõe já orientado pelo professor em ensaios anteriores.

Este tipo de atividade entre outros feitos “desenvolve a comunicação, aprimora o raciocínio lógico, a criatividade e a percepção das realidades” na criança. Afirma o professor B. que garante funcionar, pois para ela “ao verem os coleginhas contando uma história os menores se entusiasmam para ler o livro que está sendo apresentado”. A professora G. empolgada também sugeriu a realização dessa atividade na Semana do Livro na Escola, se mostrando assim disposto para acompanhar alguns de seus alunos da 4ª série para desenvolvê-la.

Por fim o último texto de Colomer e Teberosky (2003, p.180) estende a leitura de outra atividade "trazendo-nos várias opções para trabalhar-la com os alunos.

Ao discutirmos as idéias e sugestões do texto, a professora C. lembra que "as crianças podem, por exemplo, representar uma história, mimicamente enquanto esta sendo contada, podem preparar uma exposição com os diferentes versos de uma história popular, ou podem ditar suas opiniões para confeccionar um manual com elas" é como dizem Colomer e Teberosky (2003,p.180)" as atividades são infinitas, e tudo depende do objetivo concreto que temos com cada caso:fixar-se nas ilustrações, agrupar os livros de um mesmo tipo de gênero, atender a recepção individual do poema, etc.

Chama-nos atenção atividades habitualmente recorridas pelos docentes com relação a leitura. É que essas atividades frequentemente ficam a mercê do acaso ou ocupam um lugar secundário no espaço educativo. Ou como afirma Teberosky (2003,p.180)"quando o verdadeiro trabalho, estiver terminado é que se programa o espaço e o tipo de atividade com a leitura a ser realizado".Ao que contestou a professora H

na nossa escola privilegiamos essas atividades através da semana do livro- que envolve toda a comunidade escola- o dia da leitura – onde cada sala de aula tem o seu dia agendado na biblioteca e videoteca para levar os alunos,etc.

Outras atividades foram lembradas e sugeridas pelas professoras e autoras, tais:

- Narrativa de um capítulo semanal de uma história longa(por exemplo, Peter Pan e Wendy, A dona baratinha, As aventuras de Pinóquio, etc.)Colomer e Teberosky (2003,p.180)
- Narrativa ou leitura de histórias uma ou mais vezes por semana, com a possibilidade de apoio material (marionete, fantoche,etc.)-professor F.
- Um horário reservados para "compartilhar livros" em que as crianças que assim desejarem, expliquem, apresente ou leiam fragmentos de livros que ela tem lido - professor D.

- Edição de historia , poema , tema documentais ,etc., escritos , ditados ou desenhos que sejam incorporado à biblioteca de aula , enviados às famílias, a outras salas de aulas ,etc. -professor G.
- Atividades de fomento da capacidade criticas sobre os livros: classifica-los por gêneros nas prateleiras,atribui-lhes um grau de dificuldade na sua leitura pessoal, etc. -Colomer e Teberosky (2003,p.180)
- pintar ou fazer colagem de representação pessoal do poema ou da historia- Professor- B.

Alternativas como essas podem dinamizar muito a vida da criança e sua condição de estudante. É assim que elas vão construindo sentido relevante sobre a leitura , e se tiverem oportunidade e um mediador que o situe no seu nível de conhecimento apresentando-lhe desafios ajustados , poderão ir construindo outros novos , que cada vez mais estarão de acordo como o ponto de vista adulto.

CONCLUSÃO

A leitura é um dos meios mais importantes na escola para a consecução de novas aprendizagens. É necessário que se continue reservando um tempo para a leitura, não como ocupação de um "tempo livre", quando a criança conclui a tarefa antes das demais, ou outros casos; mas, porque à medida que se avança na escolaridade, aumenta a exigência de uma leitura independente por parte dos alunos. Então, a leitura é um elemento fundamentalmente integrante na formação destes.

A escola é a instituição diretamente responsável pela infusão da aprendizagem na vida da criança. Desse modo, ela deve comprometer-se na superação das dificuldades apresentadas, seja pelo contexto da criança, seja pelas suas próprias deficiências formativas, etc. Alcançar os horizontes da leitura prazerosa, da satisfação e do reconhecimento da importância da leitura é urgente para nós: escola e professores. Precisamos lançar mão de todos os artifícios que representem a mudança dessa realidade.

Precisamos desmistificar as idéias construídas em torno da leitura – de que ela é difícil de mais, de que ler dá trabalho, etc. O envolvimento com a leitura é fundamental e urgente devendo começar desde os primeiros anos escolares da criança. Esse envolvimento formará leitores competentes e adultos que escrevem com propriedade.

Ao nos debruçarmos sobre a temática: **Leitura na escola – desafios e horizontes** - percebi o quanto contribuiu para o meu aprendizado e formação pessoal, intelectual e profissional. O estudo, leituras e pesquisas realizadas endossaram meu conhecimento renovando a certeza de que um bom profissional é aquele que não pára a busca, mas, percorre sempre novas trilhas na descoberta do conhecimento e do saber.

Portanto, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e especialmente o estágio supervisionado me trouxeram a aquisição de novos conhecimentos o que

conseqüentemente desembocará no amadurecimento profissional e na reelaboração de novas práticas e experiências docentes, melhorando assim o meu "fazer educação".

Bibliografia

ABRAMOVICH, Fanny. **Leitura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2002.

ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel (2002). **A Leitura – Teoria, Avaliação e Desenvolvimento**. 8ª Ed. São Paulo: Artmed. 215p.

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Loyola, 1999.

BENCINI, Roberta. **Todas as leituras IN: revista Nova Escola** .Agosto de 2006. Ano XXI, nº194, p.30-37.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e lingüística :Pensamento e ação no magistério**.10ª edição- São Paulo :Scipione,1997.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**: São Paulo,Cortez,1995.

_____ e TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**: Porto alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa** .-2ª edição (réu). Rio de Janeiro; Nova Fronteira,1986

FERIRE,Paulo. **A importância do ato de ler**. 11ª edição. São Paulo: Cortez, 1985.

FIALHO, Francisco. **Ciências da cognição**. Florianópolis: Insular, 2001.

FULGÊNCIO, Lucio e LIBERATO, Yara. **A leitura na escola**. São Paulo; contexto, 1996. -(repensando o ensino).

GONÇALVES, Helisa Pereira. **Conversa sobre a iniciação a pesquisa científica**. 3ª ed.- Campinas, SP :Alínea, 2003,80 p.

HORBATIOK, Fahena Porto. **A pratica da leitura começa em casa** IN: revista Nova Escola .fevereiro de 2006.Ano XXI;nº192,p.16.

JOLLIBERT, Josette. A importância dos pais na formação dos filhos leitores IN:**Os pais e o aprendizado da leitura de seus filhos: formando crianças leitoras**. Josette Jolibert (coord.) ,trad. Bruno C. Magne.Porto alegre :Artes Médicas, 1995,pp.127-131.

KLEIMAN, Ângela. **Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura**. – 7ª edição. Campinas: Pontes, 2000.

_____ **Leitura e aprendizagem**, IN: **Oficina de leitura : teoria e pratica** 6ª edição ; Campinas SP:Pontes,1998

KRIEGL, Maria de Loudes de Sousa. **Habilidade de leitura com diferentes tipos de textos nas séries iniciais – diagnóstico. Dissertação de mestrado**. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação. Disponível em: [www. http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/16733.pdf](http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/16733.pdf), acessado em abril de 2006.

MACELO, Estrella M. M. **Cultivando o prazer da leitura:o prazer de ler desde pequeno**.In:Salto para o futuro:Ensino fundamental. Vol. II Brasília: Ministério da Educação,SEED,1999.p 122.

MARTINS, Maria Helena.**O que é leitura**, 19 ed. São Paulo:Brasiliense:1994-(coleção primeiros passos).

REIS, Bia. **Oba, hoje é dia de leitura** IN: revista Nova Escola.maio de 2005.Ano XX nº182.p.28-29

Salto para o futuro: Ensino fundamental / secretaria de Ensino a Distância
Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.224p.-(Série de estudos.Educação a
Distância , ISSN 1516-2079;v 8).

SANTOS, Antonio Raimundo dos. **Metodologia Científica :a construção do
conhecimento.** 3ª ed. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2000.

SILVA, Antonio de Siqueira e (et al). Teoria de Vigostky. Linguagem e vivência
IN: **Língua portuguesa.** São Paulo, SP: IBEP, 2001, p. 8.

Souza, Cristhiane de. Mestranda em Educação na UNINOVE, Licenciada em
Letras e Pedagogia. Professora da Rede do Ensino Municipal de São Paulo.
Artigo disponível em site:
[http://www.universia.com.br/materia/img/ilustra/2005/ago/artigos/professorleitor.do](http://www.universia.com.br/materia/img/ilustra/2005/ago/artigos/professorleitor.doc)
c. Acessado em 23 de novembro de 2006.

TEBEROSKY, Ana e COLOMER,Tereza. **Aprender a ler e a escrever: uma
proposta construtivista;** trad. Ana Maria Neto Machado – Porto Alegre: Artmed,
2003.

WEISZ, Telma. **Como se aprende ler e escrever ou, prontidão, um problema
mal colocado** - artigo publicado em *Ciclo Básico, CENP/ Secretaria do Estado de
São Paulo*,1988.

WORNICOV, Ruth et al. **Criança – leitura – livro.** São Paulo: Nobel, 1986.